

CLUBE DA LEITURA: SOU MAIS QUE PALAVRAS

Profa. Ms. Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (Autora)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

kalina.paiva@ifrn.edu.br

Larissa Gabrielly de Paiva Andrade (Coautora)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Aluna do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica

E-mail: lari.andrade18012000@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.”

Manoel de Barros

O **Projeto de Pesquisa Clube da leitura: Sou mais que palavras**, dividido em dois módulos (O segundo encontra-se em fase de desenvolvimento), surgiu após observarmos as redações produzidas nos Processos Seletivos realizados para ingresso no Ensino Médio Técnico e Profissional do IFRN. Tais produções escritas mostraram-se, em sua maioria, carentes de informatividade, uma vez que as ideias desenvolvidas pelos candidatos mostram-se construídas com base em informações de senso comum.

Também, diante dos problemas de base no uso da norma padrão da língua, demonstrados pelos alunos de 1º ano, o objetivo geral do projeto buscou intervir na formação de leitores, aprimorando a prática de leitura de textos literários e da escrita no IFRN, difundindo a reflexão sobre a literatura na modernidade, na mesma medida em que combateu o distanciamento entre o público jovem do mundo da leitura. Entre os propósitos, os participantes do projeto buscaram estudar obras da literatura universal; discutir aspectos narrativos e estruturais das obras literárias; internalizar a gramática, por meio da produção de

resumos e resenhas; reconhecer traços e culturas de época numa perspectiva do letramento literário.

É certo que despertar o gosto pela leitura em tempos como o nosso é, em essência, um desafio na mesma proporção que se configura em uma atitude de inovação.

Em primeiro lugar porque, apesar de desfrutarmos das benesses das Novas Tecnologias em plena era da informação, a produção intensa dessas informações tem exigido um leitor de perfil diferenciado: um indivíduo capaz de digerir, ruminando palavra a palavra, mensagens, de forma crítica, sem “engasgar-se” com ela. Informação em excesso para um leitor despreparado é semelhante ao prisioneiro que ingere dia a dia doses homeopáticas de veneno. É necessário, pois, saber o que fazer com o que lemos.

Em segundo porque a Instituição só tem a ganhar em termos de formação e resposta desses leitores, quando submetidos às situações de comunicação coloquiais até as mais formais, haja vista que eles serão futuros profissionais e circularão em diversas esferas sociais ao longo da vida.

Finalmente, uma formação dessa natureza, ainda na adolescência, ajuda o ser humano a viver. A literatura não nos preserva das feridas e das situações adversas da vida, mas nos faz descobrir mundos que se apresentam semelhantes às nossas experiências, permitindo-nos melhor compreendermos. “Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo.” (TODOROV, 2010, p. 23).

Como fazer um adolescente de hoje entender hábitos de um jovem do século XIX, senão, por exemplo, através da leitura de *Esau e Jacó*, do escritor Machado de Assis? Não desmerecendo o papel da pesquisa histórica, mas a literatura traz uma narrativa carregada de humanidade, de maneira que esse aluno sentirá o cheiro do povo, as questões políticas que incomodavam esses dois personagens em plena mudança do Brasil Império para o Brasil República. Somos capazes de fechar os nossos olhos e enxergarmos um Rio de Janeiro, com seus costumes, sua arquitetura, sua organização econômica, entre outros aspectos, por meio de um enredo verossímil. Experimentar isso, por meio da imaginação, nos dá uma sensação de realidade, de verdade, mesmo perante a leitura de uma obra ficcional. Se bem que, nessa obra, especificamente, temos uma descrição machadiana do último baile que foi oferecido pela coroa portuguesa no Palácio do Catete. Machado de Assis estava lá, presenciando os gastos abusivos em uma festa suntuosa à custa do suor do trabalhador brasileiro que pagava impostos abusivos à coroa. Machado viveu e sentiu as expectativas do povo pela mudança de um regime autoritário e meio escravocrata. Acaso, estamos tão separados assim dessa realidade?

Isto posto, encerramos, deixando claro que os benefícios da leitura transcendem a sala de aula. Sendo assim, a criação de um clube da leitura teve pertinência, à medida que colaborou com a formação humana dos alunos, ampliando o conhecimento de mundo, o linguístico e o interacional, os quais serão detalhados mais adiante.

2. DA ORIGEM DO PROJETO AOS DESDOBRAMENTOS DE LEITURA

Em se tratando do sistema educacional brasileiro, havia um relativo sossego dos líderes políticos ante a mídia até o dia em que foi criado, em 2000, o PISA - *Programme for International Student Assessment*, uma rede mundial de avaliação para medir o desempenho dos alunos de vários países em leitura e escrita, raciocínio lógico-matemático e ciências. Desse momento em diante, não só os líderes como também gestores, professores, estudantes, enfim, a comunidade escolar como um todo, no Brasil, tem sentido certo desconforto com os resultados que não tem mudado muito nos últimos anos.

A situação do Brasil, se comparada à dos “Tigres Asiáticos da educação”, parece um caminho árduo, doloroso. Curiosamente, para o grupo seletivo que ocupa os primeiros lugares, tais como a Finlândia e a Coreia do Sul, é concedida à educação um valor moral – aspecto que fica de fora em muitos países. Entre os 40 países, divididos em cinco grandes grupos, estão ao lado da nação brasileira os piores em sistemas educacionais: Turquia, Argentina, Colômbia, Tailândia, México e Indonésia. Atualmente, esse é o nosso espaço no pódio: penúltimo. (BRASIL, 2013).

É certo que, por trás desses indicadores de desempenho, há (sérios) problemas no sistema educacional, que variam de um currículo caduco, má remuneração docente, até a ausência de políticas voltadas à conexão entre as modalidades de ensino, entre outras. Não é de se admirar que o percentual de alunos que revelou “ler por prazer” caiu de 69% em 2000 para 64% em 2009. (GOMIDE, 2010)

Mesmo ciente da problemática que há por trás disso, o foco do Projeto **Clube da Leitura: sou mais que palavras** buscou promover avanços e melhorias em leitura e escrita, por isso, para não nos alongarmos nesse panorama geral, vamos focalizar o contexto do RN, sendo mais específicos ainda: alunos do IFRN. Os problemas de leitura e escrita são sentidos ainda mesmo nos exames para ingresso de alunos no Proitec e no Exame de Seleção, voltados ao Ensino Médio¹.

No período de 2009 a 2012, as redações revelaram, entre outras coisas, os sintomas desse sistema educacional cuja estrutura oferecida ao aluno tem levado à falta de paixão pela leitura: conhecimento superficial de mundo, escrita recheada de senso comum, sérios problemas de ordem gramatical. A verdade é que os *campi* têm arcado com a responsabilidade de oferecer monitorias e aulas de reforço para sanar os problemas advindos da má formação nas séries iniciais, nos primeiros anos do Ensino Médio.

Para fazer com esses alunos se tornem indivíduos mais críticos, mais reflexivos, surgiu a ideia do “**Sou mais que palavras**”, uma vez que buscamos, dia após dia, mudar as nossas realidades (para melhor) e isso também deve acontecer na escrita, a qual é nosso cartão de visitas em seleções de empregos, em salas de aula, enfim, em situações de comunicação formais e informais.

Escolher o texto literário para levar o aluno a um confronto com o que ele é, em que mundo ele vive e que tratamento ele tem dado às inúmeras informações que jorram todos os dias aos olhos/ouvidos dele, fez parte de uma estratégia de provocação. Até porque o ser humano tem seus paradigmas mudados quando é provocado a sair de sua zona de conforto.

Para tanto, foi escolhido um dos grandes nomes da literatura mundial: Franz Kafka. Oferecê-lo como estratégia primeira motivou nossos propósitos para com os alunos: refletir sobre a sociedade contemporânea de massa em seus aspectos mais angustiantes e contraditórios, tendo como engrenagem o ser humano em sua vulnerabilidade e precária condição no mundo ante os terrores da vida moderna. Sua obra exerceu (E até hoje exerce) influência em autores da literatura contemporânea, como Borges, Saramago e Graciliano.

Kafka, assim, pensava: “Deveríamos apenas ler livros que nos mordem e espicaçam. Se a obra que lemos não nos desperta com um golpe de punho sobre o crânio, qual é a vantagem de ler?”. Kafka, assim, escrevia ao revelar os conflitos existenciais do ser humano, ao expor a alienação, as perseguições, de forma verdadeira e realista, aproximando seus personagens a nossa realidade do século XXI.

Com seu olhar clínico, Carone, tradutor e crítico desse nome da literatura, foi bem preciso:

No mundo kafkiano, os personagens não sabem que rumo tomar, nem dos objetivos da sua vida; questionam seriamente a existência e acabam sozinhos, diante de uma situação que não planejaram, pois todos os acontecimentos parecem se virar contra eles, não lhes oferecendo a oportunidade de se aproveitar da situação e, muitas vezes, nem mesmo de sair dela. Por isso, a temática da solidão como fuga, a paranoia e os delírios de influência estão muito ligados à obra kafkiana, sendo comum a existência de personagens

¹ A autora do projeto atuou, no período de 2009 a 2015, como avaliadora de provas nos Processos Seletivos do IFRN.

secundários que espiam, e conspiram contra o protagonista das histórias (geralmente homens, à exceção de alguns contos onde aparecem animais e raros onde a personagem principal é uma mulher). No fundo, estes protagonistas não são mais que projeções do próprio Kafka, onde ele expõe os seus medos, a sua angústia perante o mundo, a sua solidão interior, sua problemática em lidar com a família e o círculo social.

O texto kafkiano é um produto artístico, singular e revolucionário, uma vez que problematiza não só aspectos pessoais, mas apresenta, de forma linguístico-sintomática, aspectos da sociedade de seu tempo e do nosso tempo, nos levando a refletir sobre valores solapados pelo poder, pelo capital. O homem desumaniza-se, à medida que é posto à prova e se vê sozinho.

Nossa sociedade não é diferente daquela que Kafka apresenta, por exemplo, em o “Artista da Fome”, cuja narrativa conta a história de um homem que vira atração em uma jaula de um circo em virtude da sua habilidade: jejuar por dias e noites sem cessar. O homem de aparência debilitada, excessiva magreza, palidez e costelas marcadas, aos poucos, vai perdendo visibilidade, pois se torna comum aos expectadores, até que, um dia, cai no esquecimento, definha e morre. Em seu lugar, é colocada uma pantera, nova atração do circo.

Assim, é nossa sociedade: contempla o grotesco, o diferente em seus três minutos de fama para, em seguida, ser hipnotizada pela próxima atração no circo dos horrores da vida real. Cada vez que lemos Kafka, temos a certeza do quanto ele está próximo de nós.

É claro que um texto desses, ao cair nas mãos do leitor, dirá mais coisas. Essa relação leitor-texto é mágica porque nela implicam as visões de mundo, as experiências de vida e até mesmo o estado de espírito de quem se entrega à fruição textual.

Italo Calvino (2004) em *Por que ler os clássicos* nos faz reconhecer que um clássico nunca termina de dizer aquilo que tem que dizer, pois sempre que são lidos, apresentam algo novo em suas entranhas. Se é bem verdade o que Guimarães Rosa nos fala em Sagarana, que o mesmo homem não se banha no mesmo rio duas vezes, pois, na segunda, já não será mais o mesmo homem, pode-se dizer que Kafka é uma caixinha (angustiante) de surpresas e que, a cada vez que abrimos, encontramos algo novo a ser dito.

Foi, por meio desse escritor, que forjamos estratégias e buscamos caminhos que conduzissem o aluno à libertação pela palavra, contra os escolhos de uma vida aprisionada pelas visões impostas e manipuladoras da mídia. Se, no mundo atual, a leitura está em perigo,

Fig. 1



Artista da fome

Disponível em:
http://3.bp.blogspot.com/_PpQCg8f1nZ0/SP2wDJKjxl/AAAAAAAAAXM/wwHimjEHm4U/s400/KafkaHungerkunstler.jpg

é por pura falta de tempero, de uma metodologia que conduza os aprendentes a olhar a narrativa, sem se preocupar inicialmente com a periodização, ou a nacionalidade do autor, mas que permita que cada leitor responda melhor à sua vocação de ser humano.

Finalmente, o projeto buscou mudar as posturas daqueles que dele fizeram parte, de forma a se sentirem incomodados com o que são hoje, levando-os a serem melhores amanhã em termos de leitura, escrita e reflexão.

3. A LITERATURA, O PERIGO?

“Primeiro estranha-se, depois entranha-se.”
(Fernando Pessoa)

Certamente, o maior “sonho de consumo” dos professores da área de linguagem é ter alunos capazes de ler criticamente, sabendo filtrar as informações (que são muitas) que recebem e, ainda, conferindo um tratamento a elas na produção escrita. Para isso, idealizamos um trabalho voltado à leitura na perspectiva do letramento literário, uma vez que a literatura serve não somente para trabalhar leitura e escrita como também formar culturalmente o indivíduo.

Acontece que, hoje, a literatura nas escolas tem enfrentado um momento delicado. Todorov chegou a dizer que ela se encontra em perigo. Para entendermos melhor o que isso significa, é necessário retomarmos dois períodos distintos da História da humanidade: o primeiro que antecede propriamente a existência formal da escola; e o segundo, em plena atividade acadêmica na contemporaneidade.

Na Grécia antiga, as tragédias carregavam, intrínseco à narrativa, o princípio básico de educar moral e socialmente o povo. Dessa forma, fica fácil entendermos a importância do teatro para os gregos, pois a arte já era usada como matéria educativa. Essa Era Clássica será responsável por conferir à literatura um caráter artístico-reflexivo do que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. A própria experiência da catarse é prova cabal disso, quando provoca o espectador a sair do seu mundo e entrar no mundo do outro. “É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela [a literatura] é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade”. (COSSON, 2006, p. 17), por isso mesmo é que a arte da palavra não surge do vazio, mas ela situa-se no encontro de discursos vivos, compartilhando numerosas características de diferentes épocas.

Mas, por que essa literatura que ensina, que forma, está em perigo hoje? Ao analisar as condições de ensino na França atual, Todorov discute isso, apontando que o caráter subjetivo do leitor ante o texto deixou de ser trabalhado nas salas de aula para dar lugar a uma análise puramente

estrutural. Essa mudança ocorreu em decorrência das décadas de 1960 e 1970, sob a bandeira do *estruturalismo*², o qual propiciou que a obra literária fosse representada como um objeto de linguagem fechado, autossuficiente, absoluto. Esse ensino começou a ser trabalhado nas universidades que, por sua vez, formava profissionais que passaram a reproduzir esse modelo nas salas de aula do ensino básico. Foi assim que começou esse “perigo” que, em outras palavras, significa separar o aluno da fruição, do prazer do texto.

É válido lembrar que o autor não exclui a análise estruturalista, inclusive, ele se posiciona da seguinte forma:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso, o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*. (TODOROV, 2010, p. 31).

Como podemos ver, esse perigo consiste em banir o texto literário para a periferia do sistema educacional, por isso o autor reivindica que esse texto volte ao centro, por meio de uma metodologia que mostre o quanto a obra literária é um organismo vivo, para que a teoria e a crítica literária não matem prematuramente o espírito da leitura nos futuros leitores. Convenhamos que estudar literatura classificando o período histórico, listando características dos personagens sem antes se discutir, (re)significar o texto é um verdadeiro martírio para qualquer leitor em formação.

Havendo o distanciamento do leitor, também seremos frustrados na tentativa de formar bons escritores, pois “[...] dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita”, conforme Cosson (2006, p. 16) em seu livro *Letramento Literário*.

Sendo assim, a prática de leitura do texto literário merece um lugar especial na escola porque materializa em palavras o mundo e todas as sensações que ele provoca, cumprindo com o papel humanizador.

Não se pode mais permitir que, no Ensino Médio, o ensino da literatura seja limitado apenas à história da literatura, na sua forma mais indigente, quase como uma cronologia literária, por meio da qual se trabalha estilos de época, cânone e dados biográficos, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas com uma pitada de retórica. A consequência do contato do aluno com o texto, depois que o aluno o abraçou e se reconheceu nele, foi surpreendente. Necessariamente, fazemos a seguinte ressalva: não estamos excluindo esses elementos, mas, para uma análise mais madura acontecer, o aluno tem que se apaixonar pelo que está lendo. E, para se apaixonar, ele precisa entender. Caso contrário, a decepção textual-amorosa será grande.

² O Estruturalismo tem sua origem ligada à linguística e à psicologia do século XX. Ferdinand de Saussure, linguista suíço, forneceu bases teóricas para a linguística estrutural e para a semiologia, estudo dos signos. Em seus estudos Saussure divide o estudo da linguagem em sincrônico e diacrônico.

Com relação aos benefícios que são muitos, citaremos três tipos de conhecimentos que podem ser trabalhados, a partir do texto literário: o enciclopédico (ou conhecimento de mundo), o linguístico e o comunicativo.

Para melhor entendermos tais aliados na leitura e na produção textuais, recorreremos a um episódio ocorrido na Guerra do Golfo, entre agosto de 1990 e fevereiro de 1991, quando Pedro Bial fazia a cobertura em solo iraquiano e foi preso por um soldado.

Aproximando-se o momento de ser fuzilado, ao invés de fazer seu último pedido antes de morrer, teve a ideia de gritar: *Brasil! Pelé! Brasil! Pelé!* No momento da morte, convenhamos, passa de tudo na mente de quem está prestes a perder a vida.

Como num passe de mágica, os algozes que estavam prontos para fuzilar o jornalista, entreolharam-se e abriram um sorriso, maravilhados, querendo aprender futebol com ele. Se o fato é inacreditável, só se sabe que o jornalista voltou para o Brasil com uma história difícil de acreditar. Desde então, Pelé sempre é citado quando o jornalista se encontra em apuros.

O fato de dominar a Língua Inglesa não o livrou de uma situação que quase lhe custou a vida. A questão foi a seguinte: Bial, certamente, apostou no que os linguistas chamam de “conhecimento de mundo” do seu carrasco, é claro. Um saber enciclopédico. Se bem que Pelé, talvez, seja mais conhecido do que o próprio Papa! Mas não deixa de ser um conhecimento válido, nesse caso, mais para o jornalista do que propriamente para o iraquiano.

O conhecimento enciclopédico é o que Maingueneau definiu como “número considerável de conhecimentos sobre o mundo” (2005, p. 41). Mas será que adianta conhecer tanto sobre o mundo e não saber utilizar a palavra? Vejamos: se as próprias Escrituras Sagradas dizem que “nem só de pão vive o homem”, mas sim da palavra, abrimos um precedente histórico e cultural enorme sobre o poder atribuído a elas. É por meio delas que atendemos uma das necessidades mais básicas da raça humana: a comunicação que, por sua vez, requer outros conhecimentos em conjunto com o saber enciclopédico.

Daí, a relevância do conhecimento linguístico que faz com que o indivíduo domine a língua em questão, isto é, utilize regras de funcionamento da língua nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Finalmente, o terceiro deles: o conhecimento comunicativo. Este tem a ver com a capacidade de os sujeitos saberem dizer os enunciados, identificá-los com certa postura ideológica, à qual aderem, isto é, dizer a palavra adequada à situação que se nos apresenta.

Embora tenhamos dividido os três conhecimentos, eles não caminham fragmentados. Seria o mesmo que um corpo andar sem as pernas e os braços. No mínimo, estranho.

Pensando nisto e lembrando do local onde tais conhecimentos são aperfeiçoados, a sala de aula, lembramos que a figura do professor é imprescindível, pois, ciente das várias faces do discurso, o docente deve ser competente, devidamente preparado para formar alunos capazes de manusear a palavra da melhor maneira possível, a partir de estratégias criadas em sala, para que o discente se conscientize de que “Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições; é

mostrar o jogo que nele elas desempenham; é mostrar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhe uma fugidia aparência” (Foucault, 1997, P. 52).

A preparação discursiva do aluno só é possível se o docente tem a convicção de que só se desenvolvem os conhecimentos a partir do exercício constante da palavra. Isto não se aplica somente ao educando, mas principalmente ao professor. Se com Bial funcionou o conhecimento enciclopédico, atrelada ao velho jeitinho brasileiro, não devemos confiar somente em uma das competências, ou poderemos virar churrasco em outras situações. Até porque, não são todas as situações comunicativas que poderemos ser salvos por Pelé.

4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Utilizando a metodologia da pesquisa-ação, como forma de materializar o projeto de leitura, por meio de uma atividade de linguagem, consideramos três dimensões importantes no trato com este tipo de texto: a) o uso com o intuito de mostrar os conteúdos e conhecimentos que se tornam mencionáveis por meio dele; b) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes a este gênero; c) as configurações específicas de unidades de linguagem, traços, principalmente, da posição enunciativa, do enunciador e dos conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam a sua estrutura. A partir disso, elaboramos a *sequência didática* exemplificada a seguir.

Considerando, segundo Schnewly e Dolz, que o gênero é um “megainstrumento que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes” (2004, p. 75), entenda-se por *sequência didática* a forma de materializar o gênero estudado, a partir de atividades realizadas pelos educandos, isto é, um *modelo didático* elaborado pelo professor.

Nesse processo de elaboração do modelo, consideramos três princípios (Schnewly e Dolz, 2004): o da *legitimidade*, que consiste em referendar o conhecimento teórico sobre o gênero; o da *pertinência*, que diz respeito à capacidade do educando, bem como às finalidades pedagógico-escolares e ao processo de ensino-aprendizagem; finalmente, o da *solidarização*, que torna coerente o saber atrelado aos objetivos buscados. Em suma, o docente elenca o que se deve ensinar para, em seguida, criar várias sequências sobre um mesmo assunto, de acordo com as necessidades da turma. Cientes do que vem a ser uma sequência didática, apresentaremos o modelo didático criado para esse projeto.

A título de experimentação, trabalhamos uma sequência didática, a seguir, especificada, com alunos das turmas de Eletrotécnica e de Mecânica, após identificados problemas nas produções dos alunos, tais como uso do senso comum, ausência do domínio lexical e mesmo de estratégias de leitura.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O CLUBE DA LEITURA – MÓDULO I			
GÊNEROS	DURAÇÃO	RECURSOS UTILIZADOS	CONTEÚDO DE LÍNGUA PORTUGUESA
1ª e 2ª semanas: (seis aulas) Resumo	SEIS SEMANAS	Palestra inicial: O direito à literatura Oficina sobre músicas baseadas em obras literárias: <ul style="list-style-type: none"> • Capitu (Luiz Tatit) • Monte Castelo (Legião Urbana) • Wuthering Heights (Kate Bush) • Fairy Tale (Shaman) Gênero acadêmico <u>resumo</u> – Material teórico xerografado para uso na oficina.	Sequências textuais narrativa e descritiva, atentando para o trabalho com os tempos verbais, referentes textuais e sequenciadores lógicos da narração, com ênfase em paragrafação e uso de conectivos (parte I). Culminância: produção de resumos sobre o filme O CLUBE DE LEITURA DE JANE AUSTIN (2007), refletindo sobre a relação entre leitor e livro.
3ª e 4ª semanas: (seis aulas) Resenha		Leitura de dois contos: <ul style="list-style-type: none"> A) Um artista da fome, de Franz Kafka; B) Funnes, o memorioso, de Jorge Luis Borges. Discussão sobre impressões pessoais e mediante exposição de respostas aos questionamentos levantados pelos roteiros de leitura. Gênero acadêmico <u>resenha</u> – Material teórico xerografado para uso em sala de aula.	Sequência textual argumentativa. Uso de conectivos (parte II). Figuras de linguagem (metáfora, metonímia, paradoxo, antítese, eufemismo e ironia). Culminância: produção de resenha sobre os dois contos discutidos em sala.
5ª Semana: (Três aulas)		Leitura de uma coletânea de 10 poemas, sendo cada um pertencente a um estilo de época. Tema comum entre eles: o amor.	Noções de métrica e versificação. Culminância: Aplicação do material teórico estudado.
6ª Semana: Avaliação do trabalho Oficina de		Oficina no laboratório de Informática, escolhendo-se uma das opções abaixo. <ul style="list-style-type: none"> a) Produção de Conto; b) Produção de Poema. 	CULMINÂNCIA Exposição em área coletiva do IF

produção			
----------	--	--	--

5. CONCLUSÃO

O projeto possui dois módulos, porém o segundo ainda está em andamento. Na segunda fase, estão sendo trabalhados dois romances: S. Bernardo, de Graciliano Ramos e Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago. Ainda assim, mediante aplicação de questionários a professores de outras áreas de atuação (Matemática, Química, Física), realizou-se um levantamento sobre o desempenho dos alunos participantes do projeto. Os estudantes não só demonstraram melhor capacidade de leitura e interpretação, com destaque para ampliação do vocabulário, como também se mostraram mais participativos em sala, indagando os docentes sobre conteúdos diversos.

A não obrigatoriedade do Projeto faz com que os alunos aprimorem sua capacidade leitora sem as tensões de um calendário afixado pela instituição. Tal fato nos fez constatar que as instituições educacionais que buscam desenvolver o gosto pela leitura devem criar mecanismos que atraiam o público-alvo. Foi acertado com os professores a atribuição de 1 ponto extra na média para aqueles que fizessem parte do projeto e cumprissem as suas atividades.

10. REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GOMIDE, Camilo. **Desempenho do Brasil no Pisa melhora, mas ainda estamos longe de uma Educação de qualidade**. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-educacao/2010/12/07/desempenho-brasil-pisa-melhora-mas-ainda-estamos-longo-de-uma-educacao-de-qualidade/>. Acesso em: 19/07/2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.